

BIANCHI, Sérgio Luís, BENAİM, Eduardo.
QUANTO VALE OU É POR QUILO?

Filme. Direção: Sérgio Luís Bianchi. Brasil: Riofilme, 2005. 110 min.

Mariana Aires Alves Veloso*

O filme "Quanto vale ou é por quilo" foi escrito e dirigido pelo cineasta brasileiro Sérgio Luís Bianchi. Estudou cinema em Curitiba e posteriormente em São Paulo, onde se formou na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1972.

O filme de Bianchi faz uma analogia entre como eram os costumes e os métodos das classes dominantes no período colonial e a exploração das classes menos favorecidas da atualidade, por meio de cenas que exibem os dois momentos de forma alternada e possibilitam uma comparação entre estes, por parte dos telespectadores. O diretor se vale de um discurso jornalístico para introduzir seus personagens e conta uma boa história, querendo revelar as mazelas e contradições de um país em permanente crise de valores. Para cumprir essa função, a narrativa vai se valer dos dois recortes temporais previamente explicados: o século XVIII e os tempos atuais.

O filme se apoia em dois períodos históricos para desenvolver sua crítica social, o Brasil num contexto baseado no escravismo e o Brasil contemporâneo com um sistema baseado no capitalismo. Uma primeira observação é que o diretor se utiliza de fontes documentais para trazer as histórias do Brasil-escravista, tentando trazer uma visão de que o seu filme tem um peso crítico e historiográfico. A ideia é romper com o paradigma de que o cinema não possui veracidade histórica e nem se aproxima da realidade, buscando compreender que ele pode ser visto de forma diferente, mais próxima da ciência. O cinema serve como fonte histórica, pode ser utilizado como análise de um pensamento social de uma sociedade, servindo como recorte histórico, recontado através de uma história.

O enredo do filme mostra como algumas características que eram "comuns" no século XVIII e XIX são reproduzidas no cotidiano e no imaginário social das pessoas na

* Graduanda de História na Universidade Federal Fluminense - Polo Universitário de Campos dos Goytacazes. Resenha desenvolvida como atividade parcial da média para a disciplina História do Pensamento Racial, sob a orientação do professor Leonardo Soares (Departamento de História UFF).

contemporaneidade. Em uma cena referente ao “Brasil-Escravista”, onde a escrava tenta se alforriar e não consegue, pois o Senhor não dá possibilidades para que ela acumule dinheiro, ao fazer um “trato” com a “amiga” (também proprietária de escravos), consegue que ela compre a sua alforria e ficará trabalhando com ela por um ano para que o valor com juros seja devolvido à Senhora. Com o passar de três anos, a escrava consegue então, a sonhada alforria. Naquele tempo a Senhora, além de acumular juros naquela transação, tem a escrava como sua serviçal para obter lucro.

Essa sociedade escravista consolidava o escravo como mercadoria (moeda de troca, compra e etc), e nisto o diretor traz outra situação, onde uma jovem negra foi adotada pela personagem Mônica (funcionária de uma empresa filantrópica e doceira). Porém ela trabalha arduamente mesmo sendo considerada “uma filha”, de acordo com a própria personagem. Numa situação onde Mônica devia um grande favor à sua patroa, ela teria que se mudar para um lugar afastado da cidade. A doméstica logo ofereceu “sua filha”, a jovem negra, para ir no seu lugar, a “vendeu” através das seguintes palavras: “muito trabalhadeira, limpinha, come pouco...”, da mesma forma que se fazia na época da venda/troca de escravos no Brasil oitocentista.

Podemos perceber como alguns costumes que existiam no Brasil Oitocentista foram reapropriados pelo Brasil Contemporâneo. Ao retratar a dimensão social do passado e presente, o autor quis demonstrar como esses conceitos, atitudes e significados foram transmitidos ao longo de teorias raciais e do imaginário social da população. O filme vai apresentando a analogia entre a antiga escravidão como comércio e a atual exploração da miséria pelo marketing social. Percebemos que, em meio ao Brasil Contemporâneo, há a referência clássica da pobreza associada, principalmente à raça.

Num determinado momento do filme, os representantes de uma ONG reúnem as crianças que estão cadastradas para elaborarem uma espécie de sessão de fotos. Nesse contexto, um dos funcionários contratados pela ONG faz a seguinte indagação a outra funcionária: “Eu não estou aqui escolhendo a dedo os moleques mais pretos (de acordo com sua vontade) para colocar no filme?”. Nessa perspectiva compreendemos como a imagem do negro está claramente associada à pobreza, marginalidade, vitimização, inclusive até pela própria funcionária que também é negra. Essa ideia é recorrente até quando estudamos a

historiografia africana, e percebemos que muitos autores tendem ou a vitimizar¹ o africano ou a super valorizá-lo.²

O filme apresenta vários fatos reais sobre episódios que aconteceram e acontecem em nossa sociedade, ainda que a escravidão não esteja mais institucionalmente vigente, ela foi reapropriada de diversas formas. É apresentada no filme uma instituição filantrópica que teria como objetivo proporcionar eventos e projetos para ajudar as crianças mais carentes. Porém, ao longo do filme, percebemos que a referida ONG, não passa de uma empresa capitalista, que utiliza da atividade filantrópica para gerar maior lucro. Numa fala do filme, o narrador afirma que mais de 100 milhões de reais são movimentados e articulados entre pagamento de funcionários, limpeza, aluguel de espaço, compra de equipamento, viagens, hotéis, alimentação e etc, sendo que se esse valor fosse distribuído para as 100 mil crianças cadastradas, cada uma delas receberia um valor de 10 mil reais. Ou seja, a empresa passa uma imagem de benevolente estimulando a indústria da bondade e caridade, enquanto o benefício real serve ao seu próprio bolso e sua falsa consciência.³

Numa das conclusões finais do filme, o diretor faz uma clara associação entre os capitães do mato no Brasil escravista e Candinho (filho de Mônica) que estava casado há pouco tempo, já tinha um filho e estava desempregado, sendo pressionado por sua mãe e pela esposa a trabalhar e ser um “vencedor” na vida. Nessa situação aparecem os capitães do mato perseguindo e capturando os escravos fugidos em troca da recompensa, que serviria para o sustento e a melhoria da vida de sua família. E, nos tempos atuais, mostra a vida desse menino

¹ Esses pressupostos de vitimização foram utilizados por autores (no Brasil representado pela Escola Sociológica Paulista, que por discordar das ideias de Gilberto Freyre, trouxeram uma perspectiva de escravo coisa) que se apoiavam na perspectiva de que o escravo não era capaz de se articular, de pensar... Não estou pressupondo que ele não seja uma vítima do regime escravista, porém como demonstra a autora Celia Maria Marinho de Azevedo, o escravo fez parte da história como um sujeito histórico, participativo e ativo, por exemplo no processo abolicionista, como ela expõe a partir da documentação de intensas mobilizações no período pré-abolicionista. Ver em: AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco. O negro no Imaginário das Elites Século XIX.** São Paulo: Annablume, 2004.

² Podemos perceber que alguns autores como Ki-Zerbo e John Fage, por exemplo, tenderiam a super valorizar a história da África, bem como seus habitantes. Esses historiadores são consagrados como teóricos da pirâmide invertida, pois querem trazer a perspectiva de que a África teria mais que uma história, eles pressuporiam que a África seria a história. Ver em: FAGE, J.D. *A evolução da historiografia da África.* In: KI-ZERBO, Joseph. (editor) **História Geral da África.** Volume I: Metodologia e Pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 1982. LOPES, Carlos. *A pirâmide Invertida – Historiografia Africana feita por Africanos.* In: **Actas de Colóquio “Construção e Ensino da História de África”.** 1ª ed. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995.

³ Ver em: PASCHOA, Micheline Odorizzi. *Cinema como possibilidade de ensino e pesquisa.* In: <http://www.webartigos.com/artigos/cinema-como-possibilidade-de-ensino-e-pesquisa/39218/>, AUPEX/FACEL – Pós-Graduação – História Cultural, 12/05/2010.

negro (Candinho) que acaba entrando na criminalidade para ter acesso ao dinheiro e bem estar da sua família.

O que parece interessante é como, apesar das mudanças cronológicas, sociais, econômicas e históricas, os homens encontram-se motivados pelo dinheiro e a vida humana ainda representa muito pouco diante do gigantesco “teatro dos poderosos”⁴. No encerramento da cena, Candinho assassina Arminda (representante da comunidade frente à ONG), pois ela estava com documentos provando o desvio de verba que ocorria na ONG que financiava um projeto em sua comunidade. O filme se encerra com uma crítica feroz não somente ao teatro dos poderosos (o espetáculo da elite), mas, sobretudo, à própria proposta das ONG’s e instituições filantrópicas que se utilizam de uma máscara social para gerar lucros e mais lucros em cima da miséria humana.

O filme “Quanto vale ou é por quilo” tem referência cronológica de 2005. Bianchi é conhecido por elaborar filmes que estabeleçam críticas à realidade social, como *Maldita Coincidência*, *Mato eles?*, entre outros. O filme “Quanto vale ou é por quilo?” retrata uma realidade do negro brasileiro numa sociedade escravista e numa sociedade democrática, onde perante à lei, todos são livres (Artigo 5º da Constituição Brasileira)⁵. Porém houve pouca mudança real, tanto do ponto de vista econômico, quanto do social.

Esse filme rompe com o paradigma⁶ de que o cinema não pode ser utilizado como fonte de análise para o mundo social. Historicamente, o cinema ganha força como fonte a partir da Escola dos Annales, principalmente por permitir ao historiador uma ampla dimensão documental. Ensaístas brasileiros como Gilberto Freyre, por exemplo, são considerados precursores no uso de variadas fontes. O filósofo Walter Benjamin ao pronunciar que a técnica afastou a magia da arte e a tornou um simples produto, não conseguiu se desvincular

⁴ Termo apropriado do historiador Edward Palmer Thompson, onde ele afirma que o Teatro dos poderosos é uma postura que a *gentry* (*classe alta da Inglaterra Rural*) assume e ostenta para representar sua posição social. Ao me apropriar desse termo, penso que esse teatro dos poderosos se configura hoje na sociedade no momento em que estar num projeto filantrópico faz parte de sua condição empresarial, pois se conjectura como substancial a sua consciência social. Ou seja, o empresariado por razões diversas apropriam-se de tais projetos filantrópicos para criar e gerar um espetáculo, em que as vítimas tornam-se meros coadjuvantes. Vide em: THOMPSON, Edward. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Companhia das letras, 1988.

⁵TÍTULO II: Dos Direitos e Garantias Fundamentais. CAPÍTULO I: DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS. Vide em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

⁶ Conforme explicitarei no 3º parágrafo desta resenha, a ideia é romper com o paradigma de que o cinema não possui veracidade histórica e nem se aproxima da realidade, buscando compreender que o cinema pode ser visto de forma diferente, mais próxima da ciência, contudo. O cinema serve como fonte histórica, pode ser utilizado como análise de um pensamento social de uma sociedade, servindo como recorte histórico recontado através de uma história.

do seu pessimismo e acreditar que poderia nascer em meio a todo advento midiático da técnica, uma arte vinculada à crítica dessa mesma técnica e da sociedade.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco. O negro no Imaginário das Elites Século XIX.** São Paulo: Annablume, 2004.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.** 2ªed. 1955.

FAGE, J.D. *A evolução da historiografia da África.* In: KI-ZERBO, Joseph. (editor) **História Geral da África.** Volume I: Metodologia e Pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 1982. p. 01-22.

LOPES, Carlos. *A pirâmide Invertida – Historiografia Africana feita por Africanos.* In: **Actas de Colóquio “Construção e Ensino da História de África”.** 1ª ed. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995. pp. 21-29.

PASCHOA, Micheline Odorizzi. *Cinema como possibilidade de ensino e pesquisa.* In: <http://www.webartigos.com/artigos/cinema-como-possibilidade-de-ensino-e-pesquisa/39218/>, AUPEX/FACEL – Pós-Graduação – História Cultural, 12/05/2010. Acesso em 01/08/2013, às 23h.

SCHWARTZ, Lilia K. Moritz. **Usos e abusos da mestiçagem e da Raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX.** Afro-Ásia, 18 (1996). pp. 77-101.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo, Companhia das letras, 1988.

CONSULTA DE SITES:

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-110753/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9rgio_Bianchi

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

<http://brazilianbullshit.wordpress.com/2012/04/16/resumo-filme-quanto-vale-ou-e-por-que-sergio-bianchi/>